

Quando as práticas fonoaudiológicas são educativas...

Léslie Piccolotto Ferreira*

Daniela Chieppe**

Zabala A. Práticas Educativas – como ensinar. São Paulo: Artmed; 1998.

Várias foram as disciplinas que contribuíram para a formação da Fonoaudiologia, em nosso país. Dentre elas pode-se destacar a Educação, que, além de contribuir com seus princípios, também se fez presente emprestando-nos seus métodos. Quem não se lembra de ter, em seus primeiros atendimentos, elaborado planejamentos diários para seus pacientes, contendo objetivos gerais e específicos, conteúdo, metodologia, material, avaliação, enfim, muito do pensar e fazer dos educadores.

Com a aproximação dos fonoaudiólogos aos princípios e métodos de outras disciplinas, e principalmente da Psicanálise, num primeiro momento, a Educação foi relegada a um plano de menor importância, provavelmente acompanhando um movimento que é próprio entre aqueles que estão diante do novo, e que, portanto, para destacar as vantagens desse novo, acabam por refutar os tradicionalmente aceitos.

Na seqüência, talvez apenas o grupo de fonoaudiólogos, que tinha um fazer mais voltado para as questões da Escola, acompanhou o que foi surgindo de novo nas últimas décadas. A maioria dos fonoaudiólogos, contudo, foi se distanciando cada vez...

No entanto, dentre aqueles que trabalham na área de voz, aos poucos fomos incorporando outras formas de trabalho, para além do atendimento clínico-terapêutico, e com o advento das ações de promoção e de prevenção de distúrbios vocais, junto aos profissionais da voz ou à população em geral, fomos sentindo a necessidade de um referencial teórico que desse subsídio a esse fazer específico.

Dessa forma, retomamos nossos contatos com a Educação, uma vez que reconhecemos que muitas dessas ações são de caráter educativo. Encontramos nesse momento uma área muito diferente da que conhecêramos e que, assim como a nossa, havia recebido a influência das mudanças do mundo, e, portanto, comungava diferentes princípios e métodos, quando comparados aos prescritos nos primórdios da Fonoaudiologia.

Dentre inúmeros teóricos que poderiam ser escolhidos para subsidiar nossas ações, um, em especial, mereceu nossa atenção: Antoni Zabala. Catalão formado em Filosofia e Ciências da Educação pela Universidade de Barcelona, na Espanha, esse educador está hoje entre os nomes mais respeitados da educação mundial. Responsável pela mudança da história da educação espanhola pós-ditadura Franco, é autor de várias obras, dentre as quais uma, em especial, será aqui resenhada: *Práticas educativas*, da Editora Artmed, de 1998.

Essa obra contém oito capítulos dispostos a apresentar instrumentos possíveis aos educadores e com capacidade de colaborar para a reflexão sobre a prática educativa.

O autor usa uma metáfora para justificar a necessidade dessa reflexão:

às vezes as árvores não nos deixam ver a floresta. Neste livro quero falar da floresta, situando cada árvore no conjunto a que pertence e proporcionando instrumentos que ajudem a conhecer e, se for possível, a melhorar cada elemento, mas sem perder de vista que isso implica, necessariamente o conhecimento e a otimização da floresta. (p. 10)

* Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana pela Unifesp/EPM; professora titular da Faculdade de Fonoaudiologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP. ** Mestre em Fonoaudiologia pela PUC-SP.

Em todo o livro vêem-se os objetivos reflexivos muito presentes e, ao final, sua conclusão nos remete aos primeiros passos, pois ele afirma que a aceitação do caráter complexo das tarefas que, de alguma forma, se relacionam com “como ensinar” nos capacita para a abordagem menos intuitiva e mais fundamentada na execução dessas tarefas. O trabalho fonoaudiológico dirigido à promoção e prevenção de alterações vocais (ou mesmo outras alterações atendidas pelo fonoaudiólogo) tem sua função relacionada ao ensino e à aprendizagem, uma vez que pretende intervir nas mudanças das condições de vida e de trabalho dos sujeitos, criando oportunidades para que se tornem agentes de sua saúde e bem-estar, com otimização de suas habilidades potenciais.

A proposta de Zabala é fazer-nos analisar e refletir sobre nossas práticas. Segundo ele, a análise da prática é inseparável da idéia de inovação, “já que só podemos inovar a partir da detecção das dificuldades e carências do que queremos mudar” (p. 223).

Qualquer bom profissional, independentemente da área de atuação, tem o objetivo de tornar-se mais competente em seu ofício. Para isso baseia-se em seu conhecimento, que inclui as variáveis que podem interferir na prática, somado à sua experiência incidente sobre a possibilidade do domínio dessas variáveis. No caso dos educadores, muitas vezes, o percurso traz a reflexão em decorrência da ação, ou seja, primeiro o educador vê-se perante determinada situação que requer uma ação imediata; posteriormente ele tem condições de refletir sobre essa ação.

Desse modo, convém estabelecer que a prática educativa é processual. A aula ou a ação educativa pode ser considerada como um microsistema de organização social que conta com três etapas: o planejamento, a aplicação e a avaliação. Segundo o autor “é preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos” (p. 29), e tal afirmação pode ser ampliada em relação aos sujeitos que trabalhamos.

Tradicionalmente, acredita-se que o professor precisa do saber para ensinar aos alunos e, por “saber”, entende-se o conteúdo daquilo que se precisa aprender, quase sempre com alta prioridade para os conteúdos de caráter cognitivo. No entanto, todo conteúdo, segundo Zabala, que possibilite o desenvolvimento das capacidades motoras, afetivas, de

relação interpessoal e de inserção social são também objetivos perseguidos pela Educação. Portanto, dados, habilidades, técnicas, atitudes e conceitos fazem parte da definição de conteúdo.

O autor traz Coll (1986), que estabeleceu a classificação dos conteúdos em conceituais (o que se deve saber), procedimentais (o que se deve saber fazer) e atitudinais (o que se é). Os conteúdos conceituais são supervalorizados no contexto educacional; no entanto, se não houver o enlace entre o saber e o fazer, dificilmente se alcançará o pleno desenvolvimento do sujeito, tanto com relação aos métodos necessários para a prática, como também, e principalmente, para a integração de valores sociais e morais.

Para Zabala, a tipologia a respeito dos conteúdos lança a possibilidade de se pensar sobre o papel do ensino e a concepção de aprendizagem. “Não é possível ensinar nada sem saber como as aprendizagens se produzem” (p. 33). Portanto, toda prática educativa deve ter condições de responder a duas questões: Por que ensinamos? e Como se aprende? Assim, para o autor, devemos esclarecer os nossos objetivos para ensinar e não perder de vista que, a princípio, aprender depende das características singulares dos aprendizes e das possibilidades de interação com o novo conhecimento numa relação não arbitrária e que leva a aprendizagem mais ou menos significativa, superficial ou mecânica, a ser facilmente esquecida.

É importante ressaltar que um conteúdo, por mais específico que seja, está sempre associado a outros, isto é, a aprendizagem não se compartimenta, conteúdos de diversas naturezas unem-se em favor de um aprendizado.

Como conteúdos conceituais, consideram-se os conceitos e os princípios. Os conceitos são “conjuntos de fatos, objetos ou símbolos que têm características comuns”, enquanto que “os princípios se referem às mudanças que se produzem num fato, objeto e situação em relação a outros fatos, objetos e situações e que, normalmente, descrevem relações de causa e efeito ou de correlação” (p. 42). A aprendizagem dos conteúdos conceituais dá-se pela capacidade de compreender a definição e utilizá-la na interpretação e/ou exposição de um fenômeno ou situação. Uma relevante característica dessa categoria é que a aprendizagem não pode nunca ser considerada esgotada, uma vez que a possibilidade de ampliar ou aprofundar o conhecimento está sempre presente.

A Fonoaudiologia, à medida que realiza ações educativas, pode fazer uso dos conteúdos conceituais de modo que proponha atividades favoráveis à compreensão dos conceitos e princípios e facilite seu uso “para interpretação ou conhecimento de situações, ou para a construção de outras idéias” (p. 43).

Os conteúdos procedimentais dizem respeito às regras, técnicas, métodos, destrezas ou habilidades, estratégias, procedimentos, isto é, são “ações ordenadas e dirigidas à realização de um objetivo” (p. 43). Em geral, sabemos que para aprender a realizar uma ação temos que realizá-la repetidas vezes. A exercitação múltipla é uma forma de aprendizagem, mas deve ser acompanhada da reflexão sobre a atividade, que possibilita a consciência da ação, das formas de realizá-la e de suas condições ideais. Sobre isto Zabala diz:

Esta consideração nos permite atribuir importância, por um lado, aos componentes teóricos dos conteúdos procedimentais a serem aprendidos e, por outro, à necessidade de que estes conhecimentos estejam em função do uso, quer dizer, de sua funcionalidade. (p. 45)

O ponto de partida, portanto, deve ser a significação e a funcionalidade do conteúdo, a fim de que possa ser utilizado quando conveniente; caso contrário, o procedimento aprendido não poderá ser utilizado em ocasião adequada.

Mais uma vez, estamos notoriamente diante de uma afirmação que abarca questões da prática fonoaudiológica como ação educativa. A direção de nossa prática deve ter como norte a funcionalidade do conhecimento para os “sujeitos da voz”, bem como deve nos fazer refletir com constância sobre nossa própria atuação.

Por conteúdos atitudinais entende-se uma série de conteúdos que podem ser agrupados em valores (princípio éticos), atitudes (tendência ou predisposição para agir de certa maneira) e normas (padrões ou regras de comportamento obrigatórias aos membros de um grupo social), ou seja, são conteúdos estreitamente relacionados e que trazem componentes cognitivos (conhecimentos e crenças), afetivos (sentimentos e preferências) e condutuais (ações e declarações de intenção). Diz-se que uma pessoa aprendeu uma atitude “quando ela pensa, sente e atua de uma forma mais ou menos constante frente ao objeto concreto a quem se dirige essa atitude” (p. 47).

Zabala explora no livro a interação entre professor e aluno e expõe a variedade de meios que dão suporte a essa interação a fim de comprometer os conteúdos para a aprendizagem. O autor ressalta o espaço educativo como uma organização social que precisa ser constituída com respeito à diversidade dos sujeitos (aprendizes e educadores). A Fonoaudiologia muito tem trabalhado para que esta seja uma realidade cada vez mais vigorosa.

As proposições do autor estão firmadas na concepção construtivista da aprendizagem, que a toma como um processo de construção pessoal, isto é, o sujeito é que atribui significado a um determinado objeto de ensino, sendo contribuinte com seu interesse e disponibilidade, bem como com seus conhecimentos prévios e suas experiências. “Em tudo isto desempenha um papel essencial a pessoa especializada, que ajuda a detectar o conflito inicial entre o que se sabe e o que se deve saber” (p. 63), que estimula o conhecimento do novo apontando para um desafio e para a utilidade de sua transposição.

Nesse processo, além da aprendizagem em si, vislumbra-se a possibilidade de aprender a aprender e aprender sobre a capacidade em aprender. Convém reforçar que não se limita ao saber, mas incide no saber fazer e na imagem que se tem de si mesmo, em outras palavras, sob essa perspectiva, funde-se a aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes.

Dentro dessa linha, a proposta do autor é que possamos “refletir sobre o que implica aprender o que propomos, e o que implica aprendê-lo de maneira significativa” (p. 86). Assim, poderemos nos conduzir ao estabelecimento de propostas mais fundamentadas, suscetíveis de ajudar efetivamente aos outros e a nós mesmos, sem esquecer que toda proposta de ação educativa deve ter seu valor e suas finalidades próprias.

Para a Fonoaudiologia, as ações educativas, embora sejam parte da prática fonoaudiológica há algum tempo, precisam ser refletidas como um processo de educação em saúde, no sentido de entender que os nossos objetivos devem coincidir com a necessidade de transformação e que nossos métodos devem se relacionar à aprendizagem.

Utilizar estes critérios para analisar nossa prática e, para reorientá-la em algum sentido, pode representar, em princípio, um esforço adicional, mas o que é certo é que pode evitar perplexidades e confusões posteriores. (p. 86)



Se optamos por apresentar Zabala e sua obra, por trazê-la de forma resenhada, é porque acreditamos que esse autor pode auxiliar os fonoaudiólogos a entenderem que as práticas fonoaudiológicas, que têm o princípio de educar, devem ser repensadas considerando sempre a função social dessas ações, como os sujeitos aprendem e, principalmente, que a ação deve contar com situações problematizadoras, direcionadas à formação integral e ao respeito à diversidade dos sujeitos envolvidos.

